



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA

THAINAN TIARAJU BURGUEZ DA SILVA

Perspectivas sobre os vídeos de casamentos: relatos da prática ao consumo

Pelotas/RS

2018

THAINAN TIARAJU BURGUÊZ DA SILVA

Perspectivas sobre os vídeos de casamentos: relatos da prática ao consumo

(Perspectives about wedding videography: reports from practice to the consumption)

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Orientador: André Luis Porto Macedo, Ms.

Pelotas
2018

THAINAN TIARAJU BURGUÊZ DA SILVA

PERSPECTIVAS SOBRE OS VÍDEOS DE CASAMENTOS

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Aprovado com nota máxima em 17/12/2018.

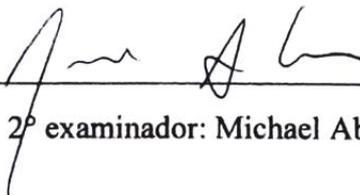
Banca Examinadora:



Orientador: André Luis Porto Macedo, Ms.



1º examinador: Guilherme Carvalho da Rosa, Dr.



2º examinador: Michael Abrantes Kerr, Dr.

Dedico este trabalho à pessoa que sempre me deu motivos para seguir em frente, capaz de anular qualquer infelicidade só de estar ao meu lado, para quem nunca conseguirei expressar, em palavras, o meu amor. Àquela que faz tudo ter valido a pena, de quem tenho orgulho pleno de ser filho, Suziane Burguêz.

AGRADECIMENTOS

Nada seria possível se eu estivesse sem apoio nessa caminhada estudantil de quase 20 anos. Por isso, mesmo sabendo que é impossível citar o nome de todos aos que sou grato, aproveito esse espaço para agradecer ao casal Gabriel Fonseca e Natasha Abreu pela entrevista e orientadores André Macedo (TCC) e Wagner da Rosa (TCCP) pelos ensinamentos e disponibilidade. Agradeço também: Aos amigos, Alessandro da Rosa, Alisson Gonçalves, Alisson Saraiva, Bruno Mendes, Denilson Silva, Douglas Martins, Helen Neves, Luciano Proença, Maicon Machado, Matheus Gomes e Stéfanie Saraiva, pelo apoio; aos colegas de faculdade, pela parceria nas produções, Bruno Ferrari, Bruno Lemos, Gil Vera-Cruz, Marcos Motta, Marília Mortican, Mateus Armas, Lucas Nemmer, Robson Zago, Tassiele Viebrantz, Wagner Oliveira e Yadni Cabral; aos colegas do audiovisual, que me apresentaram esse universo pelo qual me apaixonei, Anderson Oliveira, Andréa Martins, Christian Molina, Edson Weege, Elisabete Dias, Érika Oliveira, Caroline Cardozo e Gilberto Pereira; às professoras do Fundamental e Médio que me deram conhecimento, educação, valores e determinação, tornando possíveis as minhas conquistas: Denise da Silva, Marcia Eliza Simões e Raquel Dittgen Castro; aos professores da UFPel para quem mais recorri, pela atenção, disponibilidade e paciência, Gerson Leme, Guilherme da Rosa, Ivonete Pinto, Josias Pereira e Michael Kerr; pela compreensão, aos colegas de prefeitura e às chefes imediatas: Cátia Alessandra e Fernanda Amico; às três mulheres que me criaram, pelo carinho e incentivo, Mara Burguêz, Suziane Burguêz e Suziara Freitas; à família, pela estrutura e por torcerem pelo meu sucesso: Abelson Caetano, Anilson Moura, Carina Barros, Christian Moura, Clarice Rosa, Deiverson Ávila, Diego Amauri, Eliane Camargo, Fernanda Camargo, Gerônimo Neves, Joaquim Caetano, Jorge Tiaraju, Júlio Soares, Leandro Camargo, Luis Netto, Maria Célia, Maria de Ávila, Nara Morais, Renan Loredó, Tatiane Camargo, Zelair Caetano e demais familiares; Aos avôs, pela estrutura, cuidados, filhas inspiradoras e gigantesco apoio estudantil da pré-escola à faculdade: Valdemar Burguêz e Volni Burguêz.

Agradeço muito à minha namorada, Vitória Camargo pela paciência, apoio, amor e carinho comigo a todo o momento nessa batalha; ainda, ao meu grande irmão, Gabriel Fonseca, que desde que apareceu no meu caminho, esteve me apoiando, das apresentações em cartolinas do ensino médio à entrevista estruturada do TCC; por fim, aos que me incentivaram nos estudos, mas partiram antes da minha graduação: Amadeo Proença, Augusta Moura e Luís de Ávila.

Para todos, os que de alguma forma, me ajudaram, entrego a minha mais sincera gratidão. Obrigado.

RESUMO

Este trabalho explora as ações dos cinegrafistas e convidados de casamentos, partindo de diferentes perspectivas, para possibilitar a reflexão da influência social no comportamento dos noivos e demais personagens, bem como as consequências disso nesses registros documentais. O artigo começa pelo ponto de vista dos bastidores dos eventos sociais, elucidando aspectos da prática na realização dos vídeos. Em seguida, parte para uma contextualização histórica do casamento e dessa profissão. Por fim, expõe um olhar dos clientes desses serviços e sintetiza definições da memória, assim como seu armazenamento e importância. Esses dados são obtidos por testemunhos e fundamentações em livros, que abordam esses temas, como: *O amor e seus labirintos* (Gley P. Costa), *Introdução à história da comunicação* (Pablo Laignier e Rafael Fortes) e *Matéria e Memória* (Henry Bergson).

Palavras-chave: casamento; edição de vídeo; filmagem; fotografia;

ABSTRACT

This work explores the videographer's and guests' actions in weddings, looking from different perspectives to turn possible the thinking about the social influence in the behaviors of the groom, bride and the other characters, as well as the consequences of this in documentary records. The article begins by the point of view from the backstage of the social events, clarifying practical aspects of the videos' accomplishment. Then, it heads to a historical contextualization of weddings and its videography. Lastly, it shows a look from the clients of these services and summarizes memory definitions, as well as its worth and storage. These information were got by testimonials and substantiation in books about these subjects, like: “*Love and its mazes*” (Gley P. Costa), “*Introduction in the history of communication*” (Pablo Laignier and Rafael Fortes) and *Matter and Memory* (Henry Bergson).

Key-words: wedding; video edition; filming; photography

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|---------|
| Figura 1 - Primeira fotografia de casamento | XXXIV |
| Figura 2 - Primeiro vídeo de casamento | XXXV |
| Figura 3 - Árvore Genealógica da Família Real britânica..... | XXX |
| 3.1 -Detalhes da Figura 3 | XXXI |
| Figura 4 - Casal entrevistado | XXXVI |
| Figura 5 - Episódio 3 (1ª temporada) da série <i>Black Mirror</i> | XXXVII |
| Figura 6 - Episódio 1 (2ª temporada) da série <i>Black Mirror</i> | XXXVII |
| Figura 7 - Filme <i>Como Se Fosse A Primeira Vez</i> | XXXVIII |

SUMÁRIO

| | |
|---|---------|
| INTRODUÇÃO | IX |
| 1. UM OLHAR DOS BASTIDORES | X |
| 2. SÍNTESES HISTÓRICAS | XV |
| 2.1 DO CASAMENTO..... | XV |
| 2.2 DA FOTOGRAFIA DE CASAMENTO | XVII |
| 2.3 DOS VÍDEOS DE CASAMENTO | XIX |
| 3. CLIENTES ANTE À MATERIALIZAÇÃO E VENDA DA MEMÓRIA | XXII |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | XXVI |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | XXVIII |
| APÊNDICE A - Figura 3..... | XXX |
| APÊNDICE B - Detalhes da Figura 3 | XXXI |
| APÊNDICE C - Entrevista transcrita, primeira parte | XXXII |
| APÊNDICE D - Entrevista transcrita, parte final..... | XXXIII |
| ANEXO A - Figura 1 | XXXIV |
| ANEXO B - Figura 2 | XXXV |
| ANEXO C - Figura 4 | XXXVI |
| ANEXO D - Figuras 5 e 6..... | XXXVII |
| ANEXO E - Figura 7 | XXXVIII |
| ANEXO F - Texto original de Joanna Silber..... | XXXIX |

INTRODUÇÃO

A partir de três pontos de vista, iremos refletir a respeito de circunstâncias peculiares aos registros documentais de casamentos, explorando também, os bastidores da realização desses vídeos. Portanto, utiliza-se a fenomenologia¹, analisada por Adriano Holanda, que se fundamenta nos pensamentos do filósofo Edmund Husserl e que possui relação com o conhecimento empírico, da prática. A primeira perspectiva já está preceituada, no ato da leitura deste artigo, mediante as concepções inerentes a cada leitor, a elas, ainda será somada as informações históricas trazidas ao texto. A segunda se externará com relatos de experiências minhas, vivenciadas durante cinco anos, em edição e filmagem desse tipo de evento. A terceira se desenvolve através da análise de uma entrevista estruturada, descrita pelo autor Antônio Severino da seguinte maneira:

São aquelas em que as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna. Aproxima-se mais do questionário, embora sem a impessoalidade deste. Com questões bem diretivas, obtém, do universo de sujeitos, respostas também mais facilmente categorizáveis, sendo assim muito útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais. (SEVERINO, 2014, p. 91)

Essas informações foram cedidas, exclusivamente, para a elaboração deste trabalho, por dois cônjuges, cujo casamento ocorrera havia duas semanas. Eles são os clientes desse serviço de cobertura festiva que compartilharam suas opiniões conosco. Perceber esses olhares dos realizadores e clientes, consultando elucidaciones de escritores e filósofos pontualmente, tornará viável a ponderação acerca dos questionamentos que surgiram. Busca-se compreender os motivos das formalidades, tradições e registros audiovisuais dessas solenidades.

¹ O que entendemos hoje como Fenomenologia diz respeito a uma corrente de pensamento cujas raízes estão calcadas na preocupação: preocupação com os rumos da ciência e com a colocação do ser humano nesta situação... Um dos aspectos centrais da Fenomenologia é a própria abordagem do que seja fenômeno. O fenômeno, ou melhor, aquilo que se revela, que aparece, não pode e não deve ser considerado independente das experiências concretas de cada indivíduo. (HOLANDA, 1997, p. 34-37)

1. UM OLHAR DOS BASTIDORES

Convém evocar e enfatizar, desde já, que as afirmações seguintes são provenientes de percepções minhas, acumuladas pelo exercício corriqueiro da montagem e captação. Por isso, não há pretensão de estabelecer regras, tampouco classificar técnicas como certas ou erradas. Idealiza-se, apenas externar acontecimentos e padrões observados, assim como trazer, ao estudo, um tema inabitual no meio acadêmico. O fim desses relatos será anunciado de maneira explícita no texto. Posteriormente a isso, condescendendo as obrigatoriedades, as asserções terão fundamentações em livros, pesquisas e artigos como, devidamente, espera-se.

Observou-se indispensável, ainda que sumariamente, contextualizar minha experiência como *freelancer*² nesse mercado antes de principiar qualquer informe.

Atraído para esse campo, em 2013, passei a editar vídeos para uma produtora de festas. Em menos de um mês, com o aumento no interesse pelas edições de áudio e vídeo, aprofundi os estudos nos assuntos relacionados ao tema, buscando aprimorar técnicas gradativamente. Após cinco meses, foi proposto e aceito um convite para acumular o cargo de cinegrafista ao de editor. De fato, a consequência do entusiasmo, no desempenho dessas funções, foi a origem do empenho pelo ingresso no curso de Cinema e audiovisual da UFPel.

A experiência como editor foi primordial para as filmagens. Isso era comum na produtora, logo, todos os cinegrafistas já eram editores. Essa exigência criava no profissional uma noção do que precisava fazer, na gravação, para aperfeiçoar o processo de pós-produção.

Assim como em um documentário, a equipe de filmagem e fotografia não pode perder momentos que considera necessário documentar. Não se pode voltar no tempo nem exigir de um convidado que ele repita, com espontaneidade, o que acabara de fazer. Sendo assim, atenção é um predicado fundamental para os realizadores desses vídeos. Precisava-se criar familiaridade com os eventos conhecendo suas peculiaridades, protocolos, possibilidades, regras, etc. Afinal, é dessa maneira que a equipe alcançava condições de estar sempre um passo à frente dos procedimentos sabendo o que estava para ocorrer, à vista disso, viabilizava a efetivação de ajustes, tais como posicionamento, iluminação, enquadramento e exposição do sensor.

² Profissional que trabalha e é pago por cada serviço prestado, sem possuir contrato fixo com nenhuma pessoa física ou jurídica.

Semelhantemente às produções de filmes, os bastidores das festividades transpassam setores diversificados, os quais precisam estar operando em harmonia para alcançarem o sucesso individual e coletivo. Entre as relevantes atividades em cooperação, observadas ao decorrer desses anos, existe uma corriqueira, na qual, para que o cinegrafista tenha acesso às informações sobre as particularidades e cronogramas dos eventos, torna-se imprescindível que ele estabeleça uma comunicação cordial e recorrente com as cerimonialistas, cuja responsabilidade é, justamente, garantir que o roteiro, o qual dispõem, seja respeitado. Uma relação generosa entre esses dois cargos propicia um registro mais aprimorado, uma vez que os equipamentos sempre poderão ser posicionados em um local de onde, simultaneamente, seja praticável registrar os momentos avaliados como significativos (ora pelas regras da solenidade, ora pela opinião do operador de câmera) e respeitar os limites dos espaços reservados aos personagens.

Cabe salientar que essa união não se limita às atribuições citadas. A colaboração ocorre entre outros funcionários de áreas distintas e é, definitivamente, proveitosa a todos. Através dos repetidos encontros desses trabalhadores em inúmeras ocasiões, amizades nascem junto com um sentimento de equipe. Foram presenciados inúmeros exemplos dessas ocorrências, como garçom evitando atravessar na frente da filmadora, fotógrafo emprestando uma tomada ao *DJ*³, segurança ajudando a carregar alimentos ao congelador ou a decoradora dando carona para a cozinheira.

Os eventos sociais, nos quais focaremos, dentro destes relatos são, restritamente, estes três tipos de casamentos monogâmicos: católicos, civis e evangélicos. Nos filmes criados dentro desse tema, houve casos nos quais os noivos assumiram papéis da equipe, como direção, roteiro, edição e autoração de DVD. Já em outros casos extremos, enquadraram-se mais como convidados e pouco sabiam da própria recepção. Cada caso é único e essa multiplicidade torna desafiadora, a tentativa de se antecipar às reações e eventualidades. Contudo, a identificação de padrões apresenta um potencial vantajoso.

³ Disc Jokey: Profissional responsável pela sonorização de confraternizações e festas.

Na cerimônia religiosa, quando há somente um cinegrafista, com agilidade nas ações, mas cautela para não demonstrar desespero e amorismo, em cerca de dois minutos, é possível fazer um *Plano detalhe*⁴ do olhar do noivo para a porta da igreja, uma cena de cada grupo de padrinhos (esquerda e direita), ir até a entrada por um canto, captar os preparativos da noiva brevemente e retornar à posição inicial, no altar, pronto para filmar, de frente, um dos momentos mais importantes do dia, a entrada da noiva. A cerimonialista poderia, discretamente, retardar esse momento, afinal ela é quem autoriza o operador de som a tocar a marcha nupcial⁵. Na edição, tirando cenas do contexto real, o olhar de ansiedade do noivo para uma porta, pode ganhar um significado de emoção em ver sua noiva. Praticamos, há anos, a técnica do famoso, entre os acadêmicos do Cinema e Audiovisual, *Efeito Kuleshov*⁶ e nem sabíamos.

Para a ilustração dessa utilidade, há uma ocasião adequada, a qual será exposta na subsequência. A empresa precisava facetar um aspecto, até então, dúbio no tratado com os clientes. Assim, requisitou aos terceirizados, a escolha de um momento a valer-se de parâmetro, como aquele mais conveniente para o intervalo e lanche. Deveras, as produtoras não fornecem alimentos aos funcionários. Porém, elas estabelecem no contrato, direito aos mesmos, de receberem a própria refeição que é servida no *bufê*⁷, deixando em aberto quando e onde isso precisa se cumprir. Então, a equipe criou uma convenção estabelecida pela apuração de uma diretriz comum nas celebrações: mostrava-se invariável, o surgimento de um tempo vacante, imediatamente após os convidados começarem a comer, uma vez que ninguém exterioriza comodidade com a presença da câmera nesse período. Foi entendido, por conseguinte, que esse era o ponto mais adequado para o início do intervalo, no qual era permitido nutrir-se e descansar.

⁴ Basicamente, uma cena com enquadramento, muito aproximado, que mostra uma parte do corpo, olhos, mão, boca, etc.

⁵ Música de entrada da noiva. As noivas brasileiras, com extrema frequência, utilizam um trecho da trilha instrumental *Sonho de Uma Noite de Verão* (Felix Mendelssohn, 1826), escrita para o rei Frederick William IV da Prússia, tio-bisavô da Princesa Victória Louise que será citada diversas vezes neste artigo. Em outros países, é muito solicitado, um trecho da *Ópera Lohengrin* (Richard Wagner, 1850), que se popularizou quando foi utilizado no casamento de Victoria Adelaide com o Imperador Frederick III, avôs paternos da mesma princesa. Essa segunda música também era requerida no Brasil e há uma suposição, sem fonte bibliográfica, de que tenha perdido o encanto quando recebeu uma versão parodiada, cantada em aniversários e vulgarmente conhecida como "*Com Quem Será?*" (Autoria e ano desconhecidos).

⁶ Efeito demonstrado por Lev Kuleshov no início do século XX, por alto, trata-se do poder que a montagem tem de dar um terceiro significado para duas imagens distintas e independentes ao juntá-las no mesmo vídeo.

⁷ Alimentos disponibilizados para que os clientes, nesse caso convidados, sirvam-se.

O engajamento com a pontualidade, não somente impreterível, outorgava, de maneira mais elaborada e tranquila, a geração de imagens da locação, decoração, chegada dos convidados e atitudes dos mesmos. A propósito, essa aproximação preliminar com os personagens, além de reduzir a formalidade do contexto, familiarizava-os com os equipamentos facilitando a naturalidade de seus comportamentos.

A espontaneidade dos personagens é almejada constantemente. Entretanto, alcançá-la foi sempre uma tarefa desafiadora, tendo em vista o rigor formal estabelecido nessas ocasiões, assim como o uso eminente de aparelhos volumosos e acessórios chamativos que encabulavam. As imagens dos detalhes da igreja, vestido, aliança, padre, sorrisos, formalidade, elegância, chuva de arroz, brinde, bolo, valsa, são indispensáveis e maravilhosas. Adjetivos assim causam insatisfação, de todo o modo, apenas aprende-se que isso é o certo na edição. Mas, simplesmente consentir sem questionar é contraproducente, intrigante e trouxe um desconforto pelo desconhecimento da origem e significado, dessas concepções dos criadores juntas aos comportamentos dos personagens.

A inibição dos convidados crescia quando aproximávamos, deles, os equipamentos e aumentávamos a intensidade de iluminação, duas variáveis fundamentais da fotografia, vide à etimologia dessa palavra que, isoladamente, é capaz de elucidar a relevância da luz para um fotógrafo. O imprevisto era casualmente inevitável. As adversidades eram perceptíveis e presentes, mas controladas da maneira que fosse possível, para assegurar momentos de naturalidade nas condutas dos personagens. Essa conjuntura remete ao esforço ordinário de documentaristas na busca por cenas desse tipo, entretanto, sua motivação é representar verdade, a nossa é emocionar.

Ainda que declarássemos esses trabalhos como documentários por mostrarem fatos e celebrações espontâneas, haveria complexidade em categorizá-los. Porém, podemos notar que possuem elementos do formato docudrama⁸ com um modo de abordagem mais próximo ao poético⁹, também contendo características do reflexivo¹⁰.

⁸ "Documentário dramatizado, com personagens encenando histórias reais, reconstituindo crimes, interpretando ações de personalidades ou protagonizando um assunto" (ARONCHI DE SOUZA, 2004, p. 105)

⁹ "ênfatisa associações visuais, qualidades tonais ou rítmicas, passagens descritivas e organização formal." (NICHOLS, 2005, p. 62)

¹⁰ "chama a atenção para as hipóteses e convenções que regem o cinema documentário. Aguça nossa consciência da construção da representação da realidade feita pelo filme." (Ibid., p. 63)

O maior propósito estava em empregar um aspecto emocional no filme, o foco era o deslumbramento e a comoção que essas imagens propiciavam e não a realidade que expressavam. Desse tipo de *take*, estes são exemplos: conversas despojadas, nervosismo notório do noivo, um olhar do mesmo aguardando a porta abrir, o detalhe da mão trêmula, as lágrimas e o sorriso da noiva, sua ansiedade quando está prestes a entrar na igreja, a tentativa fracassada dos pais do casal de não chorar, um cochicho entre esposos terminando em gargalhadas e o rosto emocionado dos padrinhos fazendo discurso. Essas imagens eram assiduamente retiradas do contexto real e cronológico, uma estratégia que tornava a estética do vídeo atraente e o seu ritmo mais agradável, ainda mais com o auxílio das músicas que agregam valor sentimental ao arquivo, já que são escolhidas pelos clientes, lembrando momentos felizes e particulares deles. Predicados esses, apropriados para tais filmes cujas durações variam de 90 a 120 minutos, divididos em capítulos, como estes: *O dia dos noivos*, *Cerimônia*, *Entrada da noiva*, *Brinde*, *Valsa*, etc. Chegamos, portanto, ao segundo desconforto; mensuramos a plausibilidade de um indivíduo, contemporâneo a nós, possuir paciência e disposição suficientes para contemplar uma sequência de cenas dessa natureza, com tamanha extensão. Criamos arte para que seja compartilhada, observada ou instigante ao pensamento. Quantos vão assistir a esse filme inteiro? Um fragmento então, alguém vai?

Suposições à parte, há mais de dois anos, a maioria dos clientes passaram a demonstrar preferência por clipes curtos (de 3 a 10 min.) mostrando os melhores momentos da solenidade e recepção enquanto toca uma música ou duas escolhidas por eles. Essa tendência facilita o trabalho, mas nem tanto. Pois de todo modo, o editor vai ter de selecionar as cenas, o que continua o submetendo a assistir ao material bruto completo, captado pelo cinegrafista, quem por sua vez, passa a filmar menos detalhes, mas permanece o mesmo tempo na locação.

Compondo uma súmula acerca da média atual em carga horária e salário, obtém-se que o horário de chegada da equipe é, normalmente, uma hora e meia antes do início oficial da celebração. Já o de saída, é decidido pelo próprio casal que dispensa a equipe quando assumir que a quantidade de material captado está suficiente. Podendo o profissional também pedir permissão para ser dispensado. Dadas as variáveis, em média, o cinegrafista trabalha nove horas, e o editor, vinte. Os dois recebem o mesmo valor de R\$ 150,00 e, inúmeras vezes, eles são a mesma pessoa. Em síntese, a produtora comprava um arquivo digital da equipe pelo preço de R\$ 300,00 e o vendia ao casal por R\$ 1000,00. Estão encerrados os meus relatos particulares aqui.

2. SÍNTESES HISTÓRICAS

Para encabeçar as reflexões sobre esse tipo de registro documental e o comportamento encenado por seus personagens, temos obrigação de lançar um olhar para as origens do audiovisual e dos casamentos monogâmicos. Assim, poderemos entender como essas formalidades surgiram, por que seguimos essas regras até hoje e qual a finalidade de documentar essas ocasiões. Por isso, faremos uma contextualização histórica e introdutória de tais temas, utilizando um extenso volume de embasamento teórico, que é inevitavelmente, o único meio para se alcançar o potencial de relatar fatos da história mundial com legitimidade. Primeiramente, pode-se considerar recorrer ao livro *O Amor e Seus Labirintos* (Gley Costa, 2007), que explana as ligações amorosas dos humanos detalhadamente, através de pesquisas antropológicas do psiquiatra, psicanalista e autor da obra.

2.1 DO CASAMENTO

Como explica Costa (2007), a oficialização da união entre duas pessoas tem origem pré-histórica, estando conectada ao instinto de sobrevivência que impulsiona os seres de mesma espécie ao relacionamento, comumente poligâmico, em busca de reprodução e poder. As formalidades atuais dessas uniões são milhares de anos mais recentes que isso, mas ainda anteriores a Cristo, provenientes de valores culturais e religiosos como a imposição da heterossexualidade.

Na Idade Antiga (dos tempos mais remotos até a destruição do Império Romano do Ocidente, em 476 a.C.), o culto religioso não era público, mas professado no interior das casas em torno do fogo sagrado (lar). Não havia regras comuns nesses rituais, e cada família acreditava em vários deuses. A mulher passava do culto da família de origem, ou seja, do pai, para o culto da família do marido, ou seja, para o marido. Provavelmente, é essa a origem do acréscimo do nome da família do marido ao nome da mulher. A primeira instituição estabelecida por essa “religião doméstica” foi o casamento, que teve, por isso, um caráter religioso desde os primórdios da civilização. Do ponto de vista prático, o casamento se assentava em um acordo formal entre o noivo e o pai da noiva, que incluía o pagamento de um dote por parte do pai. Esta forma de união conjugal não levava em consideração a vontade da noiva nem dependia do seu consentimento para ser celebrada. Em outras palavras, a mulher era dada pelo pai para o marido, representando, conseqüentemente, uma simples transferência de casa e, sem dúvida, de senhor. (COSTA, 2007, p. 21)

Percebe-se que, apesar de algumas formalidades e diretrizes, do matrimônio, terem nascido nessa época, não foi o caso das duas principais: amor mútuo e consentimento dos noivos. De fato, precisava existir concordância, porém, somente entre famílias ou noivo e sogro. Tratava-se de negociações, não de sentimento, as mulheres eram apenas parte do tratado, como se fossem objetos, que podem ser vendidos ou trocados.

Após mais de um milênio e meio, foi criado o casamento católico em Roma, quando foi incluído nos sacramentos do catolicismo pelo papa Eugênio IV através do Concílio de Florença de 1439. Poucas tradições e rituais desses eventos foram inventados nesse ano e nem todas vieram desse lugar, não possuem clareza na data de origem, mas sabe-se que surgem de outros países, entre eles: Inglaterra (vestido branco), China (chuva de arroz) e Grécia (véu). Amor e consentimento, entretanto, só começaram a ser considerados pré-requisitos depois de três séculos. O autor expõe que somente no século XVIII, observaram-se os primeiros casos de igualdade nos enlaces matrimoniais, os quais eram nascidos de afeto mútuo, "somente a partir deste momento é que surgiu na história da humanidade o tão decantado, em nossos dias, "casamento por amor", reunindo liberdade de escolha, ternura, amizade e prazer sexual." (COSTA, 2007, p. 24).

Vimos que o enlace passou a receber legalidade constitucional por volta de 400 a.C. em Roma, oficializando normas que já eram, assim como são, impostas, pela própria sociedade ao indivíduo, como afirma Bourdieu.

O efeito propriamente ideológico consiste na imposição de sistemas de classificação políticos sob a aparência legítima de taxinomias filosóficas, religiosas, jurídicas, etc. Os sistemas simbólicos devem a sua força ao facto de as relações de força que neles se exprimem só se manifestarem neles em forma irreconhecível de relações de sentido (deslocação). O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. (BOURDIEU, 1989, p. 14)

Passados dois milênios, foi instituído no Brasil, o casamento civil, heterossexual em 1890¹¹, e homossexual em 2013¹², ambos contendo a obrigatoriedade de ser um acordo bilateral, de regime monogâmico¹³.

O suporte e afeto familiar fazem parte fundamental nessa história. As celebrações oportunizam as ocasiões significativas que reúnem a família, assim como a raridade dos objetos legitimam sua proteção e depósito em local resguardado, o valor sentimental desses momentos requer, daqueles que o vivenciaram, apreço e recordação. São marcantes, instintivamente serão recordados, mas isso não é o suficiente para que sejam eternizados. A morte é uma certeza humana que qualifica a memória como inconstante, findável.

¹¹ BRASIL. DECRETO Nº 181 DE 1890. Lei sobre o casamento civil.

¹² BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 175 DE 2013. Habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo.

¹³ BRASIL. Decreto Lei 2848/40 Art. 235 do código penal. Bigamia: Contrair alguém, sendo casado, novo casamento: Pena - reclusão, de dois a seis anos.

2.2 DA FOTOGRAFIA DE CASAMENTO

O nosso método mais antigo para perpetuar informações é a arte, que sendo pré-histórica, conta fatos anteriores à escrita¹⁴. Desde então, essa ferramenta está sendo aperfeiçoada tecnologicamente. Entretanto, o século XIX merece o maior destaque, pois marca o princípio destes três ancestrais do audiovisual: imagens em movimento, fotografia e cinema.

Em torno de 1800, o inglês Thomas Wedgwood, conseguiu captar em superfícies sensíveis imagens, no entanto, não permaneciam por muito tempo retidas. São 26 anos que separam os experimentos de Wedgwood da primeira fotografia de que temos registro, feita por Joseph Niépce e que retratava a vista da janela de seu laboratório. Niépce, que era litógrafo, ficou conhecido por seus experimentos com heliografia, primeiro procedimento que permitia fixar a imagem. As longas exposições do material sensível (cerca de oito horas) dificultavam o processo. As experiências com placas de pedra e metal expostas à luz e o uso de soluções químicas para fixar as imagens tiveram seu aperfeiçoamento com os experimentos de Louis Jacques Daguerre, que conheceu Niépce em torno de 1827. (LAIGNIER e FORTES, 2009, p. 66)

Criados entre 1820 e 1891, em ordem cronológica, thaumatrópio, fenacistoscópio, zootrópio, praxinoscópio, zoopraxiscópio, cinetógrafo e cinetoscópio foram os primeiros dispositivos a produzirem a percepção de movimento nas imagens através da apresentação contínua de 16 ou mais figuras por segundo, tendo cada quadro, uma sutil diferença em relação ao anterior e próximo. Esse fenômeno óptico foi oficialmente batizado de persistência da visão pelo médico Peter Roget, no artigo *The Persistence of Vision with Regard to Moving Objects*, em 1824. Dois irmãos franceses, inspirados nessas tecnologias, finalmente patentearam a máquina que constitui o nascimento do cinema.

Auguste e Louis Lumière inventaram o cinematógrafo, um aparelho portátil que na época foi desenvolvido para desempenhar três funções: câmara de filmar, de revelar e projetar. Em 1895, o pai dos irmãos Lumière, Antoine, organizou uma exibição pública de filmes em dezembro no Salão do Grand Café de Paris, a primeira projeção pública paga. (SOUZA, 2011, p. 26)

A partir desse ponto, era possível registrar e projetar momentos em vídeo. No entanto, ainda era artigo de luxo utilizado por poucos para criação de filmes e experimentos. O primeiro casamento fotografado, 14 anos após a invenção de Niépce, foi o da *Rainha Victória com Príncipe Albert*. A *Figura 1* mostra integrantes da realeza britânica em uma das primeiras fotos de casamento¹⁵ da história.

¹⁴ Artes Rupestres são de 30000 a.C., o nascimento da escrita marca o fim da pré-história em 4000 a.C. De fato, já foram encontradas artes e escritas mais antigas. Mas, nenhuma escrita é anterior 30000 a.C.

¹⁵ Oficialmente, não há evidências da ordem em que foram feitas as fotografias. Logo, qualquer foto do casal naquele 10 de fevereiro de 1840 é postulante ao título de primeira fotografia de casamento da história.

Observemos a representação e encenação que a figura carrega. Há, notoriamente, um comportamento artificial dos cônjuges. Hábito nada incomum, que além do mais, pode ser encontrado em personagens de pinturas preexistentes e atribui poder expressivo às imagens.

Victória também foi uma das primeiras a admirar uma das novidades de sua época: a fotografia. Ela foi a primeira monarca britânica a ter praticamente todo o seu reinado registrado em fotos. O casal começou a colecionar imagens em 1842 e também gostava de posar para fotógrafos, ajudando a fotografia a ganhar a atenção do grande público em toda a Grã-Bretanha. (BBC BRASIL, 2015)

A rainha se tornou parte fundamental de todo esse contexto quando contrariou as expectativas e planos do reino, escolhendo seu marido com base no sentimento e liberdade. "Sua mãe e o governo gostariam que ela se casasse com o príncipe Ernst, seu primo e filho mais velho do Duque de Saxe-Coburgo-Gota. Mas Victória se apaixonou pelo irmão caçula de Ernst, Albert" (ibid.). Através dessas fotos, também foi criada uma tradição que dura quase dois séculos, o vestido branco, que anteriormente devia ser preto para representar elegância e a índole religiosa.

Outras noivas já haviam usado a cor, porém nunca antes com a significação proposta por Vitória. Em sua união com Albert foi registrado o primeiro vestido de noiva branco como o vemos hoje, carregando consigo a associação com a pureza e com o romantismo, visto que essa era a primeira noiva da realeza a casar-se declaradamente por amor. Esse traje já trazia todas as características da indumentária de noiva dos nossos dias: o vestido era branco, assim como o véu completado por uma grinalda de flores de laranjeiras. Seu diferente traje branco ficou marcado como um símbolo de noiva na cultura ocidental contemporânea. (MITIDIERI e GARBELOTTO, 2010, p. 6)

Percebamos como é complexo definir a origem das tradições, porém nota-se que aqueles casamentos, com finalidades como unir reinos, aumentar o poder financeiro, perpetuar o sangue real e satisfazer os sogros, dão lugar a esses, que mantêm toda a graciosidade e elegância vindas da realeza daqueles, mas são românticos e têm o objetivo de unir pelo amor e alcançar a felicidade dos noivos.

Qual é o poder de uma imagem? Vimos que ela eterniza lembranças e mais, ela é capaz de moldar culturas e narrar fatos. Victória não criou nada, não foi a primeira a lutar pela liberdade de escolha e pelo amor pré-conjugal, tampouco, foi quem inventou o vestido branco. Em contrapartida, os retratos foram os responsáveis por fortalecerem as notícias desses feitos, pois eles que despertaram a curiosidade e espalharam essas informações pelo mundo. Pode-se argumentar, já que visamos refletir partindo daqueles três pontos de vista, que o verdadeiro responsável por mudar essas tradições, foi Roger Fenton, o fotógrafo desse evento. Afinal, ele foi o criador das imagens, nas quais, as majestades foram os personagens que apareceram e encenaram. Cabendo admitir que os pintores já ilustravam acontecimentos há séculos, mas quadros não possuem o mesmo poder de credibilidade e verossimilhança da fotografia.

2.3 DOS VÍDEOS DE CASAMENTO

No que diz respeito aos vídeos, os mais antigos também são de realezas. O primeiro casamento a ser filmado (Figura 2), foi o da Princesa Victória Louise com Príncipe Ernest Augustus em Karlsruhe, Alemanha.

A semelhança entre os nomes não ocorre apenas por coincidência, nem por serem comuns da época. Acontece no entanto, como esclarecido, que as famílias reais restringiam os relacionamentos à consanguinidade para manter a linhagem, a propósito nesses casos citados, os cônjuges eram primos e a situação era tão restrita que eles possuíam mais de um grau de parentesco previamente, esses laços fazem parte da árvore genealógica da família real britânica, desde os primeiros impérios. Para ilustrar essa situação, examinando o livro *Imperial Requiem: Four Royal Women and the Fall of the Age of Empires* do especialista em reinos, o historiador canadense, Justin Christopher Vovk, cria-se para este artigo, uma síntese através de uma árvore genealógica (Figura 3) com enfoque exclusivo nas correlações dos dois casais que inauguraram a cobertura de evento como clientes.

Pela perspectiva profissional, os primeiros foram, além de Fenton, os Irmãos Pathé (Charles, Émile, Théophile e Jacques) que iniciaram carreira junto ao próprio surgimento do cinema, não seria exagero afirmar que são os inventores do jornalismo audiovisual, visto que contribuíram para o desenvolvimento de ambos. Não por acaso, patentes e fontes oficiais de imagens históricas e inaugurais como essas, estão sob o domínio deles em um tipo de museu¹⁶ online do cinema.

Apesar de imprescindíveis para a contextualização e entendimento do nosso estudo, as definições de pontos discrimináveis como os de nascimento desses ofícios, possuem complexidade e controversas¹⁷, pode-se especular logo, o quão enigmático e dubitável seria datar passagens intermediais.

¹⁶ URL< <https://www.britishpathe.com>> Uma breve descrição pelo próprio site: "British Pathé is considered to be the finest newsreel archive in the world and is a treasure trove of 85,000 films unrivalled in their historical and cultural significance..."

¹⁷ No próprio site da nota anterior, que goza de fidedignidade acadêmica e fundamenta trabalhos de pesquisa como este mundo afora, há um vídeo de um casamento que pode ser anterior ao de Victória da Prússia em 1913. Isso pelo fato de ser considerado como, possivelmente, ocorrido entre os anos de 1910 e 1919. Na curta sequência percebe-se, saindo de uma grande construção, um casal desconhecido seguido de convidados ...segundo a descrição, ocorreu em Londres entre os anos citados em Abadia de Westminster, a Igreja do Colegiado de São Pedro. Na cinemateca brasileira há uma coleção de fotografias e frames de um casamento entre 1910 e 1914 chamada de *Em família: reminiscências do passado*, porém não há vídeo nem certeza da data.

Entendido isso, encerremos nosso empenho pela compreensão das conjunturas destacáveis, fazendo leitura de um livro que traz um resumo das décadas em que surgem as câmeras pessoais, abrindo possibilidade financeira para o contato, estudo e popularidade dos equipamentos para além dos reinos. A obra *Wedding Videography: Start to Finish*, de Joanna Silber, tem aspecto de manual, empregando o modo imperativo junto às dicas corriqueiras assume esse papel declaradamente. Contudo, trechos da quinta página são de grande valia para o nosso objetivo. Obtêm-se um panorama breve das grandes mudanças no mercado de cobertura de eventos que ganham espaço no fim do século XX e ainda sobrevivem fortes, com discrepância em relação aos seus primeiros formatos, sim, mas aí estão.

Em 1979, o vídeo de casamento, extremamente raro, é um filme de poucos minutos de gravação em uma Super 8 por um determinado membro da família ou por um convidado que levara sua câmera amadora. A película tinha que ser enviada a uma empresa de revelação - a um preço nada pequeno - e, uma vez revelada, precisava ser assistida por um projetor de Super 8, comumente na casa do mesmo cinegrafista amador... O filme pode, mas muito dificilmente, ser som ou é editado... Em 1989 possui duração de quase duas horas. É gravado em uma câmera Sony acoplada a um gravador volumoso com um cabo. Um assistente ajudava carregando uma lâmpada enorme durante a cerimônia e recepção... Em 1999 tem cerca de 45 minutos de duração. É gravado em uma câmera digital, com pequenas luzes e microfones de Lapela, que é conduzida por um cinegrafista... Apesar de ter cerca de 5 horas de gravação em fita mini DV, o produto final tinha apenas as melhores partes, com músicas escolhidas pelo casal e entregue em um DVD que podia ser duplicado por um baixo custo... Em 2009 é um DVD autorado com mais de uma hora na versão completa, também existindo um corte estético só com os destaques na versão melhores momentos... O produto final é postado na internet, entregue como DVD, e separadamente compactado para o YouTube e iPhone. (SILBER, 2011, p. 5)

Século XXI. Evoluções exponenciais ocorrem nos equipamentos, formatos, mercado e opiniões da clientela. Num parecer mais imediato e particular, cabe mencionar aqui, os debates ordinários acerca dos filmes feitos durante a graduação de Cinema e Audiovisual da UFPel. Incertezas trazidas pela falta de recurso financeiro, comum na faculdade pública. Desde o sacrifício da qualidade em prol da garantia de alguma informação com o sensor e lente que pudermos usar, passando por preferência de *codecs*¹⁸, mídia para os *backups*¹⁹, indispensáveis até a distribuição e armazenamento do filme pronto. A exemplo, utilizamos constantemente *O Dilema Digital*, versão da Cinemateca Brasileira de *The Digital Dilemma* (2007), da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas (AMPAS). Ainda mencionando o trabalho que deve refletir sobre nossos próprios métodos, da colega Natália Azevedo²⁰, sobre o esse assunto.

¹⁸ Software que codifica e decodifica um arquivo digital, neste caso, vídeo.

¹⁹ Cópia de segurança.

²⁰ Universitária do Centro de Artes, cujo TCC deste ano aborda a metodologia de armazenamento e manipulação dos nossos produtos ao longo de nossa formação na UFPel.

Há muitas pessoas produzindo e consumindo conteúdo audiovisual, processo que foi intensificado pela popularidade das redes sociais. Nesse fenômeno, o sujeito julga a conveniência do ato de registrar o momento e, caso entenda que é adequado, grava em um arquivo digital para ser compartilhado com amigos ou com o mundo inteiro, criando assim, mais desejo de filmar e fotografar. Isso leva ao desinteresse pela qualidade das imagens, devido ao ritmo acelerado da sociedade. Tenta-se apenas compreender, como esses rituais estão fazendo parte da nossa cultura. Seguindo os pensamentos do escritor René Gardies, parte desse processo é influenciado pela popularização da imagem e fácil acesso aos vídeos e às câmeras (na contemporaneidade, integradas em celulares e *tablets*) capazes de gerar fotografias e filmes facilmente, ainda que aqueles que as manipulam não tenham estudo, entendimento e experiência em cinema.

No domínio da imagem, a acessibilidade financeira e tecnologias avançadas permite que quase toda a gente filme os eventos desportivos dos filhos, a festa da escola ou a reunião familiar no Natal... Veremos que, na maioria dos casos a imagem dos amadores é indicial, como se os agentes sociais quisessem ser testemunhas de si mesmos e dos seus modos de vida... A necessidade de fotografar é, sobretudo, uma necessidade de fotografias das pequenas cerimônias que pautam a vida de família. Obviamente, não se pode esperar qualquer originalidade das práticas fotográficas familiares: pelo contrário, as imagens devem obedecer a estereótipos sociais sobre a representação. (GARDIES, 2006, p. 133-134)

3. CLIENTES ANTE À MATERIALIZAÇÃO E VENDA DA MEMÓRIA

Para continuarmos buscando respeitar e dialogar com diferentes olhares. O casal pelotense, Gabriel e Natasha (Figura 4), cedeu entrevista para o estudo de caso que foi utilizado como material de pesquisa para a produção deste artigo.

Eles contrataram um serviço de cobertura de evento para o seu casamento ocorrido no dia 16 de junho de 2018. Nos depoimentos transmitidos, os cônjuges relacionam a importância das imagens com a da memória. Natasha diz: "é importante porque é uma lembrança, é uma coisa que fica e, se a gente quiser reviver esse momento, vai ser através da filmagem e da fotografia. Porque vai ficar só na nossa cabeça a lembrança mesmo, então para reviver é através disso". Percebemos que eles consideram aquele material como uma forma de viver novamente o dia do evento e assim, Gabriel ainda complementa: "Para eternizar os momentos".

Os filmes e fotografias, principalmente quando possuem aspecto documental, carregam em si uma relevância histórica, pois apresentam imagens de acontecimentos naturais e informações reais do passado. Nesse sentido, os registros de eventos sociais desempenham uma significativa função como vimos: preservar uma memória de um momento valoroso.

Todo o conhecimento e personalidade do ser humano estão contidos e guardados em suas lembranças. Do ponto de vista fisiológico, os cientistas Flávio Kapcznki, João Quevedo e Iván Izquierdo (2009, p. 111), afirmam que a memória nasce de experiências vividas pelo indivíduo e a definem como aquisição, armazenamento e evocação de informações. Já se formos considerar as reflexões de Henry Bergson, teremos um confronto de ideias onde o autor mostra as contradições de se considerar o cérebro como um local possível de guardarmos as memórias.

Se as lembranças fossem realmente depositadas no cérebro, aos esquecimentos bem definidos corresponderiam lesões do cérebro caracterizadas. Ora, nas amnésias em que todo um período de nossa existência passada, por exemplo, é bruscamente e radicalmente arrancado da memória, não se observa lesão cerebral precisa. (BERGSON, 1999, p. 277-278)

Dessa materialidade proposta e refutada, existem dois exemplos contemporâneos na série britânica de sucesso, *Black Mirror* (Charlie Brooker, 2011-presente). No episódio três da primeira temporada (Figura 5), *The Entire History of You* (Brian Welsh, 2011), existe um dispositivo avançado que é instalado no crânio. A partir dele e um controle do tamanho de um isqueiro, os usuários conseguem acessar qualquer fato presenciado por visão ou audição desde a sua instalação. Na ocasião, há críticas diretas às falhas e incertezas das lembranças naturais. Quando acessam essas vivências, podem vê-las na própria pupila como uma lente de contato. Parece perfeito, tudo é salvo automaticamente e não se precisa mais decorar nada. Seguindo o padrão da série, um avanço tecnológico, com indícios positivos, acarreta sofrimento e traz angústia, mal-estar e culpa ao espectador que chega a desejar estar naquela realidade sem pensar nos impactos sociais. Certos capítulos exigem momentos de reflexões, talvez horas, devido à complexidade escondida no primeiro momento, mas devastadora em seguida. Em *Be Right Back*²¹ (Owen Harris, 2013) (Figura 6), Martha (Hayley Atwell) perde o marido (Domhnall Gleeson) em um acidente e encontra um serviço de auxílio ao luto, que usa um poderoso algoritmo, vasculhando os comportamentos que os falecidos haviam manifestado durante toda sua vida em redes sociais, para criar um mecanismo de conversa. Assim, o software assume essa personalidade, dialogando com o cliente, da maneira mais provável com base naqueles comportamentos. Depois que a empresa começa a testar um robô humanoide, que adquire as características físicas do finado, a violência emocional dá um rumo diferente à narrativa, enfim, a questão é que muitos problemas sociais, que assistimos nas tramas, já existem, sem haver necessidade de avanços mirabolantes nos aparelhos eletrônicos.

Não existe pretensão de se afirmar a que o acesso a esses equipamentos só pode prejudicar, mas que também deve ser observado com mais imparcialidade, para Bergson, o que armazena as lembranças é o espírito. O cérebro, apenas solicita, nessa imaterialidade, a sensação de reviver sentimentos, não contemplando cada detalhe perfeitamente, mas em uma projeção ao passado onde permanecem, apenas, as emoções mais fortes. Não há tais tecnologias, ainda assim, o luto já está sendo prolongado, e o presente, esquecido, por usuários de redes sociais.

²¹ Primeiro episódio da segunda temporada de *Black Mirror*.

O estado cerebral prolonga a lembrança; faz com que ela atue sobre o presente pela materialidade que lhe confere; mas a lembrança pura é uma manifestação espiritual. Com a memória estamos efetivamente no domínio do espírito... O interesse de um ser vivo é perceber numa situação presente o que se assemelha a uma situação anterior, em seguida aproximar dela o que a precedeu e sobretudo o que a sucedeu, a fim de tirar proveito de sua experiência passada. De todas as associações que se poderiam imaginar, as associações por semelhança e por contigüidade são, portanto, as únicas que têm inicialmente uma utilidade vital. (BERGSON, 1999, p. 281-283)

Natasha expressa exatamente essa insatisfação pela perda de memória física e insuficiência da mental.

Ficaria melhor se contratasse alguém. Na internet tem um vídeo que aparece que tem que contratar alguém responsável que seja especializado nisso, porque a gente não queria que ficasse... Por exemplo, nos meus 15 anos, eu perdi todas as minhas fotos porque eu deixei uma tia minha fazendo. Ela tinha uma câmera profissional, mas ela não era profissional. Ela chegou no dia, levou a câmera, mas não levou o filme e aí começou a tirar as fotos, eu achei que ela estava tirando e não. Aí eu fiquei sem recordação nenhuma. Por isso, valia mais a pena a gente contratar alguém que fosse responsável e pela qualidade. (GABRIEL e NATASHA, 2018)

Eles passam a enfatizar então a capacidade do audiovisual bem editado em dar a oportunidade aos noivos de observar com mais calma e tempo, eventualidades que não haviam reparado e reviver os bons momentos²².

G: Tem que ser editado para ser revivida a história de melhores pontos, como ela falou, de vários ângulos que de repente tu não estaria lá, que “tu vai” ver e “vai” te recordar da sensação boa tentando evitar alguns pontos que não são tão bons. Apesar de eu achar importante também, porque eu dou risada de tudo então eu gosto de ver o máximo.

N: E para ter uma sequência porque “tu tira” um monte de foto, mas acaba não tendo uma sequência por mais que “tu ache” que tenha. Quem edita faz essa sequência acontecer.

G: Tem uma história, uma ordem cronológica, um início, meio e fim. “Tu consegue” reviver o acontecimento de novo; da vida. (Ibid.)

O processo de arquivamento dos fatos se assemelha ao de edição de um filme. O cérebro apaga as lembranças de menor relevância e deixa as demais, como um editor cortando e montando um vídeo para salvar no computador. Não com tanta eficiência, mas funcionalmente. Ainda com tanto recurso, os noivos ressaltam a importância de diferentes perspectivas dos fatos, mas há um desafio enfrentado pelos documentaristas que buscam retratar a verdade: A presença dos equipamentos causando desconforto, inibição. Aí retornamos para o pensamento de todo o comportamento antinatural, muito provavelmente, nascido dos protocolos reais, que dão ao dia, esse aspecto irracionalmente elegante, travado, oposto ao confortável na própria festa, no dia especial.

N: Os meus pais são o exemplo de pessoa que não alterou a realidade, porque o padre estava falando e eles conversando e rindo, a câmera não alterou a realidade para eles.

²² Como um segue falando em relação ao outro, sigamos o padrão: Quando é fala dele um "G:" antecede, no caso dela um "N:", assim não interromperemos o raciocínio.

G: Cada um vai reagir de um jeito com a gravação. Eu não me incomodo desde que apareça as partes que eu veja que "-ah, agora ela está sendo ela mesma e tal.". Então, nos momentos que tem que seguir as regras do evento ali, tranquilo, desde que apareça a parte que ela está à vontade, se soltou um pouco, viu que aproveitou, então está bom.

N: Eu não tenho expectativas boas, porque eu acho que na igreja tinha que ter sido filmado todo mundo que estava ali. Pelo que eu vi ele focou muito na gente de um lado só. Então apareceu mais pessoas de um lado. Eu senti falta de ter mais pessoas, quando a gente contratou eu não pensei nisso, mas acho que teria sido interessante mais pessoas em questão de filmagem.

G: Seria perfeito que aparecesse a totalidade das pessoas em algum momento, que fosse bem distribuído esses momentos. Que apareça todo mundo que pegasse momentos que eles estavam felizes, conversando, alegre, curtindo. Momentos da cerimônia de alguns ângulos diferentes, que não é o caso. Vários ângulos, momentos importantes bem distribuídos, que captasse a sensação do ambiente que estava no momento. Que eu visse do início ao final e me desse vontade de olhar de novo. Que realmente eu imergisse naquela realidade ali e vivesse de novo a festa como se fosse o próprio dia da festa. Seria perfeito esse material. (GABRIEL e NATASHA, 2018)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propostas principais, o acordo firmado entre as três partes, impedem qualquer afirmação ou definição isolada. Dentro da própria pesquisa histórica dessa profissão, alguns aspectos podem fazer sentido. As regras culturais fazem parte dos fundamentos da sociedade, mas trazem comportamentos que não possuem sentido racional se observados com imparcialidade. Para irmos além da religião, vejamos novamente as datas da criação do casamento civil brasileiro: heterossexual em 1890 e homossexual em 2013. Esses números não são expostos com frequência, mas quando os vemos juntos, podemos refletir sobre a evolução do pensamento, não só das tendências do mercado. Essa parte foi bem definida e pela própria história, acaba tornando-se plausível.

Desde o passado a humanidade necessita, contar o passado, tenta há milhares de anos, eternizar memórias. Agora, com essas ferramentas, cada vez esse processo se torna mais sofisticado, pensemos. O que motivava as uniões era o instinto de sobrevivência, em seguida a perpetuação do sangue real, o dinheiro, o amor, as aparências. O que mudou foi a motivação? O que exatamente significa sobrevivência hoje? O objetivo natural comum aponta para a felicidade, mas essa também é uma indefinição que depende das perspectivas. O romantismo forçado contratado, do editor, pelos noivos é intrigante. As músicas escolhidas, todas as ferramentas disponíveis trabalhando em harmonia para evocar com mais eficiência as lembranças. Essas, ficam nas células do córtex ou são parte da alma?

Depois de um exemplo vindo de um salto de décadas, voltemos o olhar a uma obra com popularidade irrefutável. Bergson teve responsabilidade em justamente mostrar provas e contraprovas, mas o que se entende é que a memória é a essência do ser, quase como se fosse o real sentido da vida. *Black Mirror*, mais que convida, obriga o espectador à cisma, à ideia persistente como uma música que não sai da cabeça. Possivelmente, mas vamos então a um exemplo de “filme para relaxar”²³, uma comédia romântica, pensemos cautelosamente na hipótese do filme *Como se fosse a primeira vez* (*50 First Dates*, Peter Segal, 2003) (Figura 7), poderia ser esclarecedor dialogar com alguém que sabe que, faça o que fizer, no dia seguinte, não irá lembrar, entender as motivações de uma pessoa que não viajou no tempo, mas vive num passado, que vai ficando cada vez mais distante. Bem, na trama o personagem Henry (Adam Sandler), encontra solução exatamente no audiovisual que em 2003 ainda era protagonizado pelo VHS.

²³ Apelido dado ao gênero comédia romântica e aos filmes sem complexidades no roteiro, geralmente com classificação indicativa Livre (para todos os públicos).

Todas as investigações vêm do mesmo lugar e apontam de volta para ele. Memória. A resposta está aí, sempre esteve, o que incomoda de fato é impotência humana de salvá-la, guardá-la, romantizada ou sóbria, então editada ou que seja uma imagem crua.

Não há maneira definitiva de eternizar as lembranças, daqui a 200 anos o planeta estará cem por cento repovoado. Existe sempre inquietude na certeza da insignificância das singularidades de nossas vidas. Pois entenda, a diferença entre nós e Lucy (*Drew Barrymore*), é que ela sabia quando perderia a memória. Discorde dessas conclusões, por favor, esse é o objetivo também, assim é que evoluímos, pelo questionamento, insatisfação, desconfiança. O curso de Cinema e Audiovisual não é para aprender a manipular equipamentos e softwares, para isso, bastam umas semanas de vídeo-aula sobre técnicas. Sensibilidade e capacidade artística vêm do respeito pela história que vai contar e pela que a antecede. Primeiramente o diálogo, depois disso, vem a prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARONCHI DE SOUZA, J. C. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

BBC BRASIL, 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150721_vert_cul_vitoria_albert_artes_ml>. Acesso em: 18 outubro 2018.

BERGSON, H. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Idioma: português de Portugal.

BRASIL. **Decreto Lei 2848/40 Art. 235 do código penal. Bigamia**: Contrair alguém, sendo casado, novo casamento: Pena - reclusão, de dois a seis anos, Brasília, DF dez 1940. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940-412868-normaatualizada-pe.html>>. Acesso em: 15 set. 2018.

BRASIL. **DECRETO Nº 181, DE 24 DE JANEIRO DE 1890**: Lei sobre o casamento civil, Brasília, DF, jan 1890. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-181-24-janeiro-1890-507282-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 15 Set. 2018.

BRASIL. **RESOLUÇÃO Nº 175, DE 14 DE MAIO DE 2013**: Habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo, Brasília, DF, mai 2013. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o_n_175.pdf>. Acesso em: 15 set. 2018.

COSTA, G. P. **O amor e seus labirintos**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 21-24 p.

GABRIEL; NATASHA, Fonseca. **Entrevista cedida para o estudo de caso deste artigo**, Pelotas, 2018. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1Dx6nvv17NTWxmLm4VYRyvUf1BzKK01rh/view?usp=sharing>>. Acesso em: 23 out. 2018.

GARDIES, R. **Compreender o Cinema e a imagens**. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições Texto & grafia, 2006.

HOLANDA, A. **Fenomonologia, psicoterapia e psicologia humanista**, Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1997. 34-36.

KAPCZANKI, F.; QUEVEDO, J.; IZQUIERDO, I. **Bases Biológicas dos Transtornos Psiquiátricos: Uma Abordagem Translacional.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

LAIGNIER, P.; FORTES, R. **Introdução à história da comunicação.** Rio de Janeiro: E-papers, 2009. 61-76 p.

LINS, C.; MESQUITA, C. **Filmar o real:** sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MITIDIERI, A. M. A.; GARBELOTTO, C. S. **O traje da noiva na cena do casamento.** 6º Colóquio de Moda, São Paulo, 2010.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário.** Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas: Papyrus, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2014. 91 p.

SILBER, J. **Wedding Videography: Start to Finish.** Tradução: Nossa. Boston: Cengage Learning, 2011. 5 p.

SOUZA, J. M. D. **O impacto que as imagens podem causar na sociedade global:** a desconstrução como instrumento de análise, Universidade de Minho, Braga, 2011. 26.

APÊNDICE A - Figura 3

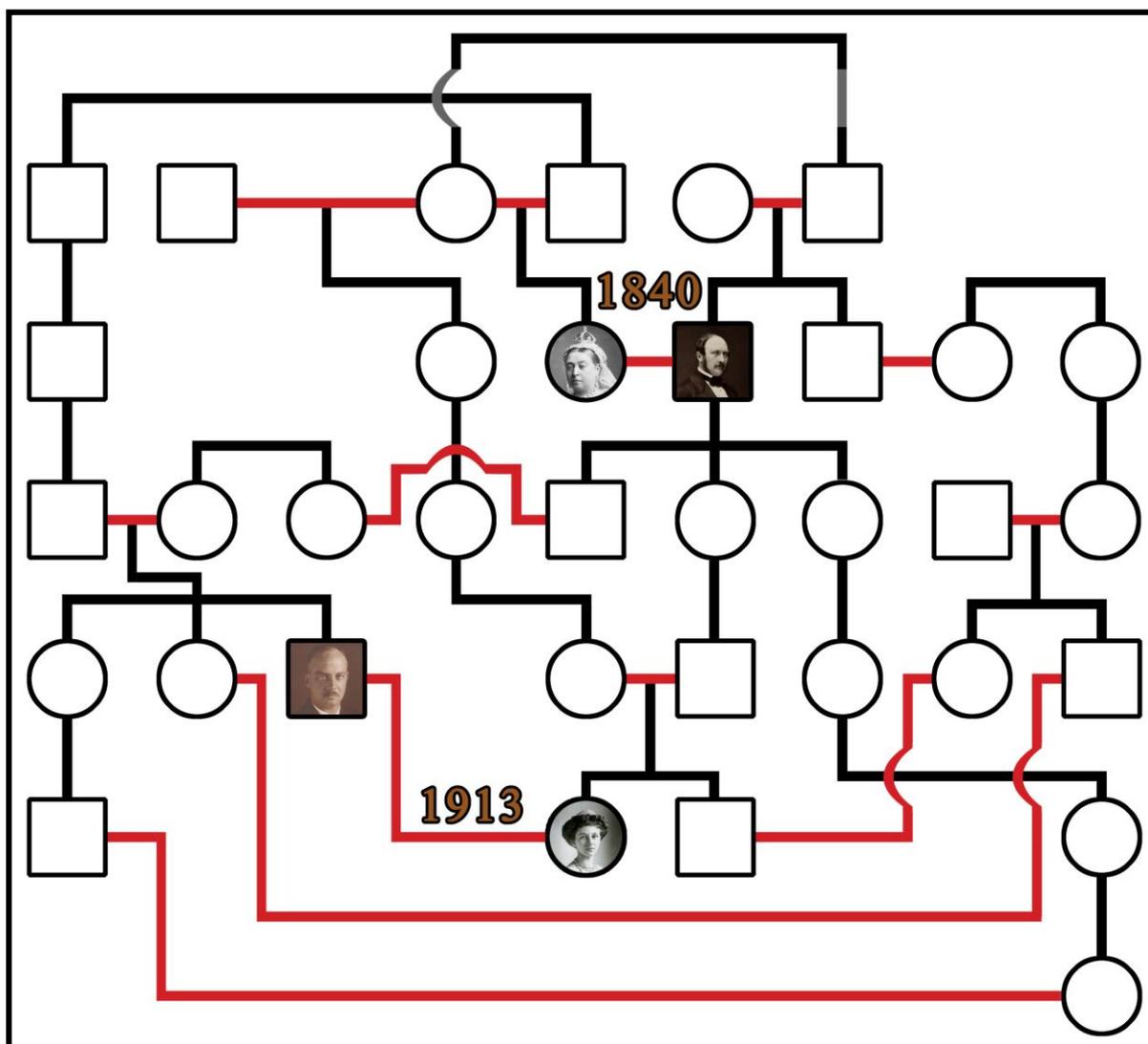


Figura 3. Fragmento da árvore genealógica da família Britânica. Destaques: Rainha Victória e Príncipe Albert em 1840; Princesa Victória e Príncipe Ernest em 1913.²⁴

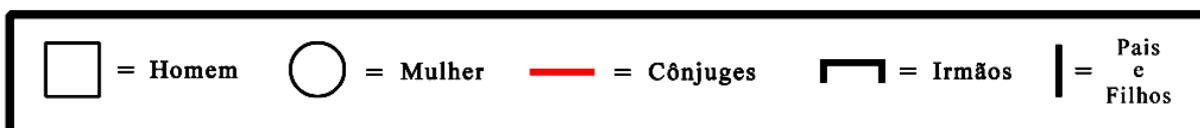
²⁴ Projeto e arte nossa; direitos dos quatro retratos utilizados na criação: Wartenberg Trust. URL<<http://www.wartenbergtrust.com>>.

APÊNDICE B - Detalhes da Figura 3

Cada linha de nodos representa uma geração. Para estabelecer maior amplitude e uma rápida compreensão, ocultaram-se os nomes. Lê-se no sentido normal, da esquerda para direita respectivamente: Rei Augustus de Hanover, Emich Carl, Princesa Victoria, Edward Augustus, Louise Dorothea, Ernest I , George V de Hanover, Anna Feodora, **R.^a Victória, P.R. Albert**, Ernest II, Alexandrine Luise, Cäcilie de Baden, 3º Duque Ernest, Princesa Thyra, R.^a Alexandra, Adelheid de Hohenlohe, Rei Edward VII, Victoria Adelaide, Princesa Alice, Frederick Francis III, Anastasia Mikhailovna, Marie Louise, Alexandra Louise, **P.R. Ernest**, Auguste Viktoria, Wilhelm II, Victoria Alberta, Duquesa Cicilie de Mecklenburg, Frederick Francis IV, Berthold Friedrich, **Princesa Victoria da Prússia**, Friedrich Wilhelm, Princesa Andrew da Grécia e Dinamarca, e Princesa Theodora. A criação dessa arte tem como objetivo, ilustrar os laços sanguíneos, pré-existentes, entre casais, provando que o casamento já serviu, exclusivamente, como ferramenta de manutenção de poder entre as famílias.

Essa parte da família real está diretamente relacionada com a rainha atual Elisabeth II, pois seus bisavôs, constam na lista. São os reis Edward VII e Alexandra. Ela faz parte da última linha de gerações representadas no gráfico, a de Theodora, porém não está no diagrama, porque o objetivo é simplificar ao máximo e focar nas correlações entre a os casais citados, assim como nas conexões da realeza com as filmagens de casamentos.

Símbolos da Figura 3



APÊNDICE C - Entrevista transcrita, primeira parte

Entrevista²⁵

T²⁶: Quais são as motivações para contratar o serviço de cobertura do evento?

G²⁷: Evento único "né", a gente é movido de lembranças e não tem como não contratar. É tão importante quanto o vestido da noiva, "pra" mim, claro.

N²⁸: É importante porque é uma lembrança, é uma coisa que fica "né" e, se a gente quiser reviver esse momento, vai ser através da filmagem e da fotografia. Porque vai ficar só na nossa cabeça a lembrança mesmo "né", então "pra" reviver é através disso.

G: "pra" eternizar os momentos "né".

N: E poder mostrar "pra" quem não pôde ir no casamento também ver.

G: Momentos eternos como meus melhores amigos bêbados caindo por cima de mim, que são momentos que...

N: Quando a gente tiver filhos vai poder mostrar "pra" eles, não vai só falar, eles vão poder ver.

G: E os filhos dos teus amigos que beberam vão ver eles lá e todo mundo dançando alegre, todo mundo se divertindo adoidado.

T: Se é só pela lembrança, então por que vocês não decidiram que o registro fosse feito com câmera de celular, câmera parada, sem edição, sem corte?

N: Ficaria melhor se contratasse alguém. Na internet tem um vídeo que aparece que tem que contratar alguém responsável que seja especializado nisso, porque a gente não queria que ficasse... Por exemplo, nos meus 15 anos eu perdi todas as minhas fotos porque eu deixei uma tia minha fazendo. Ela tinha uma câmera profissional, mas ela não era profissional. Ela chegou no dia, levou a câmera, mas não levou o filme e aí começou a tirar as fotos, eu achei que ela estava tirando e não. Aí eu fiquei sem recordação nenhuma. Por isso valia mais a pena a gente contratar alguém que fosse responsável e pela qualidade.

G: Dada a magnitude do evento e "pra" melhor recordar, tem que ter uma maior qualidade e também responsabilidade de quem vai fazer o mesmo.

N: É legal a edição porque, lá no casamento mesmo, quando eu entrei e a gente ficou de frente pro padre, um cara da equipe de filmagem pisou no meu véu. Eu não gostaria que isso aparecesse, eu quase caindo "pra" trás por causa que o cara "tava" pisando no meu véu. Então eu acho que isso podia ser uma coisa cortada "né", é desnecessário. A minha mãe e o meu pai conversando o tempo inteiro lá na hora da igreja, não precisava... Coisas assim que podem ser cortadas, coisas desnecessárias.

G: Tem que ser editado "pra" ser revivida a história de melhores pontos, como ela falou, de vários ângulos que de repente tu não estaria lá, que tu vai ver e vai te recordar da sensação boa tentando evitar alguns pontos que não são tão bons. Apesar de eu achar importante também, porque eu dou risada de tudo então eu gosto de ver o máximo.

N: É "pra" ter uma sequência porque tu tira um monte de foto, mas acaba não tendo uma sequência por mais que tu ache que tenha. Quem edita faz essa sequência acontecer.

G: Tem uma história, uma ordem cronológica, um início, meio e fim. Tu consegue reviver o acontecimento de novo; dá vida.

²⁵ Entrevistador: Thainan Tiaraju Burguêz da Silva. Entrevistados: Gabriel Pinheiro da Fonseca e Natasha Gonçalves Abreu da Fonseca. Convencionou-se que as iniciais seguidas de dois pontos, representam quem está falando.

²⁶ T: significa, nesse caso, uma fala de Thainan.

²⁷ G: significa, nesse caso, uma fala de Gabriel.

²⁸ N: significa, nesse caso, uma fala de Natasha.

APÊNDICE D - Entrevista transcrita, parte final**Continuação**

T: A presença da câmera altera a realidade?

G: Só quando é percebida. Quando a pessoa sabe que está sendo gravada de muito perto é eminente que ela seja o foco principal. Aí, obviamente, ela não vai fazer coisas que, de repente, ela faria se poucos ou ninguém estivesse olhando.

N: Eu acho que sempre altera a realidade porque "tá" ali, não tem como tu não perceber alguém ali, tu "tá" num casamento. Embora tenha gente que não dê importância.

G: Pouca gente não se importa, tem sempre um pouquinho de importância.

T: Tem problema "pra" vocês que ela altere a realidade?

N: Acho que tem, porque aí não é a verdade. Tu não te comportaria como é a realidade.

G: Por isso que existe a bebida, porque aí todo mundo fica alegre. Aí fica nas câmeras alegre do jeito que quer.

N: As vezes é fingido, "pra" gente que "tava" ali não era um fingimento, porque a gente "tava" realmente sentindo. Mas talvez "pra" alguém ali na frente, por exemplo, a tua mãe, ela "tava" ali obrigada "né".

G: Ela "tava", mas não com tudo.

N: Pela situação, mas ela "tava" sendo filmada e tentou se comportar.

G: Daí a gente não sabe o Paulinho também, já que vamos falar do pai do outro, vamos começar uma guerra aqui então.

N: Os meus pais, são o exemplo de pessoa que não alterou a realidade, porque o padre "tava" falando e eles conversando e rindo, a câmera não alterou a realidade "pra" eles.

G: Cada um vai reagir de um jeito com a gravação. Eu não me incomodo desde que apareça as partes que eu veja que "ah agora ela "tá" sendo ela mesma e tal". Então nos momentos que tem que seguir as regras do evento ali, tranquilo, desde que apareça a parte que ela está à vontade, se soltou um pouco, viu que aproveitou, então "tá" bom.

T: Quais são as expectativas "pra" esse arquivo que vai ser entregue "pra" vocês?

G: A expectativa é grande, porém pelo trabalho que ele apresentou, pelo material dele, eu não espero me surpreender, positivamente, do que pode vir, já que eu já vi mais, conheço outros e outros trabalhos. Eu sou uma pessoa mais específica, mais chata para as coisas, então eu sei que, muito provavelmente, eu não vou ser surpreendido beneficentemente. Eu só não quero me decepcionar. Desde que fique um material bacana, vou lembrar, pegou bastante cenas e lugares, não deixou nenhum momento importante passar, aí tranquilo. Que eu lembre de todo o passo a passo do casamento, bacana.

N: Eu não tenho expectativas boas, porque eu acho que na igreja tinha que ter sido filmado todo mundo que "tava" ali. Pelo que eu vi ele focou muito na gente de um lado só. Então apareceu mais pessoas de um lado. Eu senti falta de ter mais pessoas, quando a gente contratou eu não pensei nisso, mas acho que teria sido interessante mais pessoas em questão de filmagem.

G: Seria perfeito que aparecesse a totalidade da pessoas em algum momento, que fosse bem distribuído esses momentos. Que apareça todo mundo que pegasse momentos que eles estavam felizes, conversando, alegre, curtindo. Momentos da cerimônia de alguns ângulos diferentes, que não é o caso. Vários ângulos, momentos importantes bem distribuídos na duração do tempo, que captasse a sensação do ambiente que "tava" no momento. Que eu visse do início ao final e me desse vontade de olhar de novo. Que realmente eu imergisse naquela realidade ali e vivesse de novo a festa como se fosse o próprio dia da festa. Seria perfeito esse material.

ANEXO A - Figura 1



Figura 1: Rainha Victória com Príncipe Albert. Por Roger Fenton em 1840.²⁹

²⁹ URL:<<https://www.historyextra.com/period/victorian/love-before-albert-queen-victorias-suitors/>>. Pertencente ao acervo Getty Images. Postado em 29 de março de 2018, acesso em 18 de outubro de 2018.

ANEXO B - Figura 2



Figura 2. Frame do primeiro vídeo de casamento da história. Princesa Victória e Príncipe Ernest, juntos na parte de trás da carruagem. Autoria desconhecida, 1913.³⁰

³⁰ URL: < <https://www.britishpathe.com/video/VLVAC0YOTI9CX8ZF55TP81MACG0SC-ROYAL-WEDDING-IN-BERLIN> >

ANEXO C - Figura 4



Figura 4. Natasha Abreu e Gabriel Fonseca em 2018.³¹

³¹ Imagem cedida pelo casal.

ANEXO D - Figuras 5 e 6

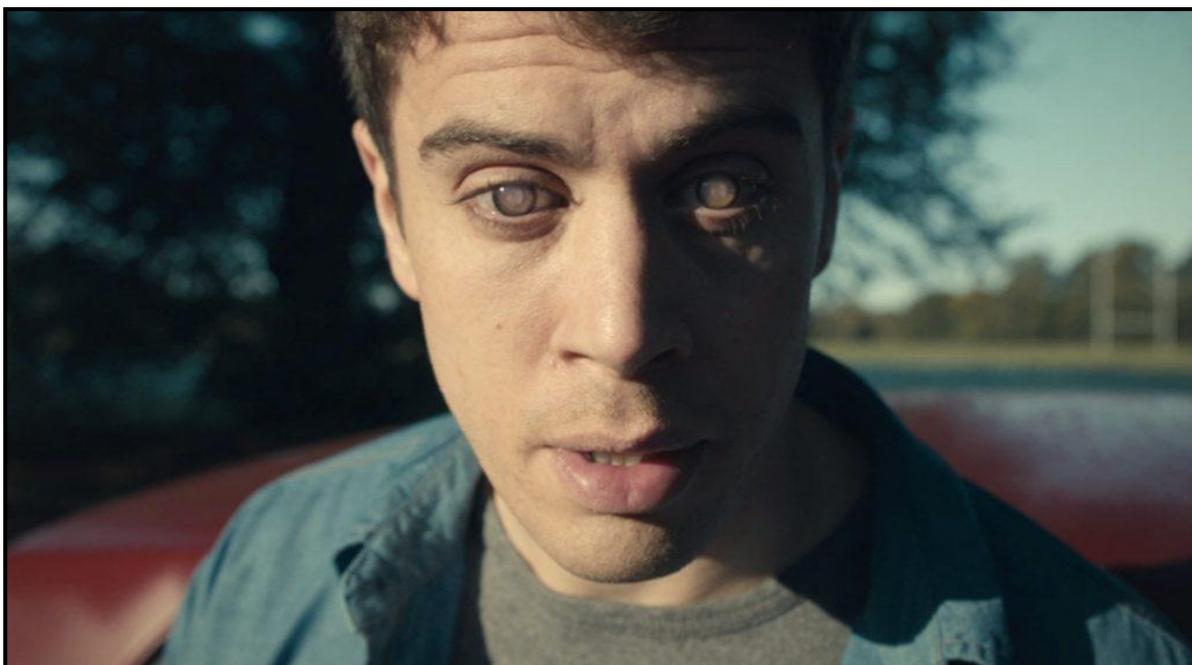


Figura 5. Liam (Toby Kebbell) buscando informações no dispositivo, que mostra momentos de seu passado, a partir do seu próprio ponto de vista. As cenas são apresentadas nos seus olhos (íris e córneas).³²



Figura 6. Martha (Hayley Atwell) permitindo acesso do aplicativo às redes sociais do marido Ash (Domhnall Gleeson). O programa está lendo os dados dos vídeos postados durante uma vida inteira para utilizar os padrões e imitar a voz do falecido com perfeição, incluindo tom e timbre.³³

³² URL < <https://www.imdb.com/title/tt2089050/mediaviewer/rm1980957440>>. Acesso em setembro de 2018.

³³ URL < <https://www.imdb.com/title/tt2290780/mediaviewer/rm3306372352>>. Acesso em setembro de 2018.

ANEXO E - Figura 7



Figura 7. Devido à doença de memória que possuía, Lucy (Drew Barrymore) precisava ser conquistada todos os dias por Henry (Adam Sandler).³⁴

³⁴ URL < <https://www.imdb.com/title/tt0343660/mediaviewer/rm1595933184>>. Acesso em setembro de 2018.

ANEXO F - Texto original de Joanna Silber

Houve tradução, nossa, de um parágrafo pertencente ao livro *Wedding Videography: Start to Finish*³⁵. O texto original é este:

In 1979, the extremely rare wedding video is a few minutes of super 8 film recorded by a determined family member or guest toting his or her hobbyist camera. The exposed film strip has to be sent out to a processor—at no small cost—and, once processed, must be viewed with a super 8 projector, most likely at the home of the same hobbyist shooter. The film itself has a grainy, jagged feel to it, with lots of dirt and vivid colors. It is possible, but very unlikely, that the film has any sound or editing.

In 1989, a wedding video is almost two hours long. It's shot on a Sony camera attached to a bulky recorder with a cable. An assistant helped carry a huge light throughout the ceremony and reception, but it didn't do much to improve the poor color saturation and fuzzy shots. Nor did it ingratiate itself to the wedding guests, who danced around the production team or were scared back to the dessert table. Post-production consists of titles being added to the beginning and end and clumsily chopping the part where Aunt Gloria said the wrong name during the toast. Because of generation loss, the audio on the VHS tape that Grandma gets has degraded from the already-poor mono recording from a bad microphone to practically unintelligible noise.

In 1999, a wedding video is about 45 minutes long. It's shot on a digital video camera with small, attached lights and lavalier microphones, and is controlled by one videographer, who mingles seamlessly among guests, lowering the camera when it is inappropriate to be shooting. Though nearly five hours of mini DV footage is shot, the final product has only the best bits, cut to music chosen by the couple and delivered on a DVD that can be duplicated inexpensively and without generational loss.

In 2009, a wedding video is an authored DVD with an hour plus full-length version as well as a stylistically cut highlights version. Depending on the couple's taste and budget, the video can include a time-lapse sequence showing the reception being set up, a series of interviews woven throughout the piece, and effects such as a retro super 8 look on the romantic shots and campy transitions between the groomsmen's toasts. The wedding guests are so busy shooting their own video clips on their phone cameras, they barely notice the videographer and her streamlined equipment. The final product is posted online, delivered as a DVD, and separately compressed for YouTube and the iPhone. (SILBER, 2011, p. 5)

³⁵ SILBER, J. *Wedding Videography: Start to Finish*. Boston: Cengage Learning, 2011. p.5.